
ADJETIVOS: FIO CONDUTOR DA NARRATIVA

ELZA KIOKO NAKAYAMA NENOKI MURATA*

RESUMO

Este artigo delinea o papel dos adjetivos como um dos elementos construtores da narrativa “Uma vela para Dario”, de Dalton Trevisan.

PALAVRAS-CHAVE: leitura, adjetivos, narrativa.

O processo de compreensão de texto obedece a uma estratégia que envolve dados de vários níveis discursivos e do contexto da comunicação. Em face disso, crenças e desígnios do indivíduo controlam esses fatores, implicando um processo não linear, idas e vindas, cujo sucesso na comunicação abrange conhecimentos linguísticos e não linguísticos. Assim, a abordagem de um texto escrito requer conhecimento do contexto enunciativo, além de domínio da gramática e de competência lexical. As relações intratextuais (coerência e coesão), mais as regras de organização textual, permitem o reconhecimento das macroestruturas que ajudam o leitor a organizar a quantidade de informações provenientes de sua leitura.

Quando o texto é reticente, o leitor deve realizar o trabalho de expansão; se, ao contrário, é prolixo, o leitor deve fazer a filtragem das informações. O léxico, por permitir várias acepções dos elementos da língua, propicia a expansão, enquanto o roteiro permite a filtragem.

Os roteiros são definidos pelos gêneros literários. Nesse sentido, Umberto Eco (1979) faz a distinção entre três tipos de roteiros literários: as fábulas pré-fabricadas (narrativas que apresentam encadeamento

* Professora da Universidade Federal de Goiás.
E-mail: elzakm@terra.com.br

estereotipado); os roteiros motivos (prescrevem o tipo de personagem, de cenários, de ação, mas não a ordem dos acontecimentos) e os roteiros de situação (constroem ações isoladas).

Os roteiros literários criam leitores cúmplices, ou ingênuos. Embora a maioria dos leitores prefira o roteiro estereotipado, o discurso literário pode desestabilizar esquemas preexistentes ou se adequar a eles, porque seu objetivo é o de renovar sempre o prazer da leitura.

O leitor pode imaginar o tópico/lugar da ação de um trecho, adentrar corredores de sentido (isotopia) desde o nível de superfície até o mais profundo, e reconhecer o que Greimas (1983) chama respectivamente de isotopia figurativa e de isotopia temática. Se entendemos isotopia como o ponto de referência para o qual convergem as ideias do texto, sabemos que é no processo de leitura que se reconhecem as operações isotópicas. Assim, a individualização das isotopias resulta da ação cooperativa do leitor por meio das inferências autorizadas e apreendidas do texto.

É o leitor que atualiza, portanto, o conteúdo potencial inerente ao texto. Esse leitor-modelo, segundo Eco (1979), é competente para dominar certas estratégias que lhe garantem o sucesso do percurso de compreensão. Uma delas é o estudo dos adjetivos no texto literário. Cabe destacar que o adjetivo constitui a manifestação privilegiada da subjetividade: classifica os objetos e seres no mundo e presentifica as reações emocionais do escritor/falante ante as coisas e os acontecimentos.

Com base nessa perspectiva, serão analisados, no conto “Uma vela para Dario” de Dalton Trevisan (Anexo A), os adjetivos, verificando-se em que medida eles expressam a relação subjetiva entre as coisas e sua valorização, determinam o sentido dos substantivos, particularizam os matizes desse sentido e contribuem para a construção do fio condutor da narrativa.

O adjetivo pode vir anteposto ou posposto ao nome, o que lhe permite matizes em seu sentido de forma significativa, implicando efeitos estilísticos e semânticos. O estudo dessas duas posições evidencia duas

propriedades semânticas relevantes: a da classificação (propriedade que consiste em designar os seres e objetos do mundo, relativa também a outras categorias, como o nome e o determinante) e a da não classificação (relativa ao enfoque subjetivo do substantivo, atribuindo-lhe um conceito de valor).

Tradicionalmente os adjetivos são divididos em dois grupos: o dos objetivos, os que possuem função descritiva ou classificadora; e o dos subjetivos, os que apresentam julgamento de valor, próprio de cada enunciador. Segundo Kerbrat-Orecchioni (1980), os adjetivos subjetivos subdividem-se em três categorias: afetivos, avaliativos axiológicos e avaliativos não axiológicos.

Na análise do conto podem-se perceber alguns exemplos de adjetivos objetivos e percorrer corredores isotópicos que indicam que há no texto três macroposições: vida, passagem da vida para a morte e, finalmente, morte de Dario. O ponto de partida dessa análise está ancorado nessas macroposições, pois são elas que dão o sentido global ao texto, evidenciando o tema: o espanto e a reação das pessoas diante da morte.

Nos enunciados das linhas 1 e 2 – “Dario vinha apressado, guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina...” –, temos os adjetivos “apressado” e “esquerdo” que expressam o dinamismo de Dario. O adjetivo “apressado” indica vitalidade e o grau de ocupação daquele homem; “esquerdo”, por sua vez, mostra um personagem habituado a ser prevenido porque coloca o guarda-chuva no braço esquerdo, aquele que lhe permite usar naturalmente o direito para fazer outras ações. Esses adjetivos são objetivos porque descrevem Dario fazendo parte da classe dos seres ativos, condicionados a agir, ou seja, Dario tem vida.

Nos enunciados das linhas 5, 6 e 7 – “Dois ou três passantes rodearam-no e indagaram se não se sentia bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, não se ouviu resposta. O senhor gordo, de branco, sugeriu que devia sofrer de ataque” –, a locução adjetiva “de branco”, segundo convenções culturais, classifica o senhor como profissional na

área de saúde e confirma, para o leitor, que a narrativa introduz uma situação dramática relacionada a problemas físicos, a doenças.

O segundo tipo de adjetivos, o avaliativo axiológico, conjuga a avaliação emocional ao valor do objeto proposto e tem apoio em termos de hábitos ou costumes.

Nos enunciados das linhas 10 e 11 – “quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou feio e bolhas de espuma surgiram no canto da boca” –, percebe-se a quebra do uso de adjetivos classificadores/objetivos, que permite a configuração do personagem Dario numa sequência linear. A interrupção dessa sequência pôde ocorrer, entretanto, com a introdução de adjetivos não classificadores/subjetivos, pois se referem ao conhecimento de um mundo partilhado e permitem que tal avaliação, feita através do testemunho do autor, transmita para o leitor o juízo de que a morte é feia.

No enunciado da linha 17 – “A velhinha de cabeça grisalha gritou que ele estava morrendo” –, o adjetivo “grisalha” reforça a isotopia dos problemas ou decadência física porque introduz a imagem de velhice, um estereótipo da pessoa que está mais próxima da morte.

Nos enunciados das linhas 20 e 21 – “– não tinha os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata” –, a locução adjetiva “de pérola” amplia a descrição de Dario porque faz a ligação de sua atividade com a classe de indivíduos que têm certa posição social e financeira. Assim, defrontamo-nos com o paradoxo: um homem com *status* social elevado está morrendo na rua. Essa locução institui definitivamente o jogo para sensibilizar o leitor diante da morte.

O terceiro tipo de adjetivo, o avaliativo não axiológicos, depende, ao mesmo tempo, de uma norma interna ao objeto, fazendo, portanto, parte do mundo objetivo e de uma norma específica do enunciador, evidenciando subjetividade, porque supõe uma atividade avaliativa. No enunciado da linha 23 – “...e, além do mais, muito pesado” –, pode-se notar que o adjetivo “pesado” é avaliativo não axiológico, pois a avaliação é subjetiva, é uma mensuração por parte do falante, mas que se fun-

damenta também em elementos objetivos porque tais elementos são prováveis e concretos. Dario poderia estar pesado se realmente estivesse morto, e não pesado se conseguisse recuperar as forças. Com o uso desse adjetivo, Dalton Trevisan cria suspense quanto à morte de Dario.

Nos enunciados das linhas 27 e 28 – “Dario ficou torto como o deixaram, [...]” –, “torto” é adjetivo objetivo indicativo, enquadrando Dario na classe daqueles que são impotentes, daqueles que não possuem o poder de escolha e ampliando a noção de que seu físico e sua mente estão fora do normal, do que se considera direito. O fio narrativo estabelece com esse adjetivo o desvio da normalidade e sensibiliza o leitor porque esse desvio ocorre com alguém aparentemente ativo e de boa posição social.

O primeiro lance do jogo de sensibilização do leitor diante da morte está presentificada nos enunciados das linhas 20 e 21, nos quais Dario não reage contra o despojamento de seus pertences (sapatos e alfinetes de pérolas). Isto remete à ideia de impotência de um homem com *status* social elevado diante da morte que vai num crescendo, por meio dos adjetivos “pesado” e “torto”, respectivamente nas linhas 23, 24, 27 e 28. O uso desses adjetivos confirma o suspense criado por Dalton Trevisan num jogo de alternância e insinuações da morte de Dario, criando expectativa no leitor e no espectador da cena.

O *status* social de Dario é confirmado no enunciado da linha 30 – “de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca”. O adjetivo “alinhados” refere-se ao objetivo organizador da ação feita por outro, contrastando com a imobilidade e incapacidade de Dario. O adjetivo “branca” por sua vez, classifica Dario entre os indivíduos que têm uma posição social privilegiada, pois lembra ao leitor a expressão classificatória: colarinho branco.

Esses adjetivos objetivos permitem classificar o personagem de tal modo que o leitor tem um impacto: o de perceber que pessoas bem financeiramente podem estar sujeitas à perda do controle da vida. Esse impacto inicia a segunda macroproposição: a passagem de Dario para a morte.

No enunciado da linha 35, temos o adjetivo “vazio”, que indica a perda da identificação de Dario: sobrenome, trabalho, condição econômica e posição no grupo social.

No enunciado da linha 36 – “restava a aliança de ouro na mão esquerda” –, a locução adjetiva “de ouro” recupera, contudo, esse passado, através de um signo cultural facilmente identificável, o da relação afetiva. Como a aliança está na mão esquerda, fica estabelecida a sua identidade institucional familiar: Dario é casado. É interessante notar que o adjetivo “vazio” trouxe a imagem de perda de vida e de bens; “de ouro” e “esquerda” conotam agora que essa perda não afeta a relação afetiva própria de homem casado. Há uma leve esperança no leitor de que Dario possa continuar a viver através dessa relação. Essa esperança é alimentada agora por outro tipo de adjetivo, o subjetivo.

Vimos até aqui os adjetivos objetivos que deram as pistas para a construção dos sentidos que nortearam a leitura. Encontramos, agora, na linha 41 – “Um senhor piedoso despiu o paletó de Dario [...]” –, o adjetivo subjetivo afetivo “piedoso”. Os adjetivos subjetivos afetivos, embora possuam a mesma estrutura dos adjetivos objetivos, ou seja, atribuem uma qualidade a um ser, apresentam julgamento de valor do enunciador, provocando uma reação emocional do sujeito falante a um objeto ou ser. Dalton Trevisan, ao atribuir o adjetivo “piedoso” ao senhor, revela que alguém tinha sentimentos, repassando, assim, ao leitor, a emoção advinda da solidariedade e do olhar de afeto.

No enunciado da linha 43 – “Apenas um homem morto [...]” –, o adjetivo “morto”, classificando Dario como um ser incapaz de qualquer reação, ou seja, um ser sem vida, nos faz voltar ao jogo da sensibilização diante do inevitável: nada impede a morte, nem relações afetivas institucionalizadas, como a do casamento. Essa sensação de imponderabilidade criada por esse adjetivo objetivo nos introduz na terceira e última macroproposição: a morte de Dario.

No enunciado da linha 46 – “Um menino de cor e descalço veio com uma vela, que acendeu ao lado do cadáver” –, Dalton Trevisan

passa a solidariedade do senhor piedoso para o menino, que é classificado através dos adjetivos “de cor” e “descalço” como uma criança despojada de seus atributos dados pela sociedade. É apresentada apenas como um ser desprivilegiado, enquadrado na categoria dos que não possuem privilégios pela cor e por ser pobre.

Os adjetivos subjetivos só podem ser analisados com base no contexto de uma enunciação particular, uma vez que apresenta um julgamento de valor que não é estendido a todos, pois parte do enunciador. Segundo J. C. Milner (1978), reconhecem-se os adjetivos subjetivos quando podem ser apresentados em formas interrogativas ou exclamativas. Assim, se é possível perguntar “Dario roncou feio?” é porque estamos diante de um adjetivo subjetivo. A exclamação, por sua vez, não é usada com adjetivos de caráter objetivo; por exemplo, na frase “Que bolsos vazios!” não cabe a exclamação.

Para tornar mais fácil a distinção entre o caráter objetivo ou subjetivo do adjetivo, é conveniente usar os termos de Milner: classificação e não classificação. O adjetivo classificador refere-se à especificação de condições sociais, forma, cor, tamanho, que podem identificar os objetos/seres, enquanto o uso do não classificador de um adjetivo é, na realidade, uma avaliação de um objeto.

O adjetivo pode também assumir a função de substantivo. A. Culioli (1990) aperfeiçoou a tradicional distinção que se faz dos substantivos da seguinte forma: discretos, compactos e densos. Os discretos podem ser contados. Exemplo: “Uma vela para Dario” distingue uma vela dentre inúmeros tipos desse artefato. Os compactos decorrem de nominalizações (passagem de adjetivos para substantivo). Exemplo: a negrura do rabecão que levou Dario. Para que haja negrura, é preciso que essa ideia se apoie num objeto (objeto-suporte). No caso, se não existisse o rabecão, não existiria a ideia de negrura. O objeto-suporte pode vir ou não de forma clara no texto. Os modificadores desses substantivos tendem a se cristalizar e a adquirir um valor intensivo: uma negrura de breu. Os densos podem ser contados, quando se toma uma

parte do todo. Exemplo: gotas de chuva. O substantivo “chuva” só pode ser quantificado, isto é, contado, se destacado do todo. Não se pode estabelecer uma relação sequencial: uma chuva, duas chuvas, três chuvas..., pois massa, líquido e pó não podem ser divididos em unidades.

O determinante com os substantivos densos formam uma oposição da mesma maneira como os adjetivos objetivos se opõem aos adjetivos subjetivos.

O partitivo separa uma parte não determinada de uma substância divisível; uma chuva pesada valoriza “chuva” sem lhe dar qualquer atributo, nem a opõe a outra chuva. Contudo, ao lado de “uma chuva cristalina”, não podemos ter “da chuva cristalina”, forma mais literária que não classifica, mas acrescenta um valor estético positivo, por traduzir uma impressão.

O emprego não classificador serve para indicar características comuns a todos os substantivos da mesma espécie, tornando-os estereótipos. No enunciado da linha 47 – “Parecia morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva” –, o adjetivo “desbotado” não se refere ao caráter classificador de cor apenas, mas ao aspecto aterrador ou repugnante que todo morto pode ter. Em suma, a função não classificadora da linguagem é denotada nas estruturas exclamativas e interrogativas em que afloram as emoções. O discurso literário lança mão dela sistematicamente, pois está ligado à subjetividade e à enunciação literária. A função classificadora da linguagem refere-se à enunciação de propriedades discriminantes do verdadeiro e do falso.

A não classificação possibilita o uso posposto e anteposto, havendo mudança de sentido na utilização de um e de outro, o que não ocorre com o adjetivo classificador, pois é necessária a precisão semântica.

Partindo da análise dos adjetivos no conto, podemos afirmar que eles são pontos de apoio à sequência narrativa: Dario vinha apressado, cheio de vida, sentou-se na calçada ainda úmida de chuva, vai aos poucos perdendo a sua vitalidade em função de um mal súbito até chegar ao ponto crucial, quando tem uma morte física, verdadeira, e uma morte no

imaginário das pessoas. Assim, conclui-se que todo o texto evidencia a criação de um fio temático em que os adjetivos objetivos e subjetivos, destacam a vida, a passagem e a morte de Dario. Parece claro que a sequência organizada dos adjetivos expressa a ideologia e a cultura do autor, expondo a sua intenção no texto.

ADJECTIVES: CONDUCTOR LINE OF THE NARRATIVE

ABSTRACT

This paper outlines the role of the adjectives as one of the constructors of narrative “Uma vela para Dario”, by Dalton Trevisan.

KEY WORDS: reading, adjectives, narrative.

REFERÊNCIAS

CULLIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation*. Paris, Gap: Ophrys [tome II], 1990.

ECO, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1983.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'Énonciation de la subjectivité dans le langage*. Paris: A. Colin, 1980.

MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos de linguística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MILNER, J.-C. *De La syntaxe à l'interprétation*. Paris: Seuil, 1978.

TREVISAN, Dalton. Uma vela para Dario. In: SALES, Herberto (Org.). *Antologia escolar de contos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

ANEXO A

1. Dario vinha apressado, guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a
2. esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Por ela
3. escorregando, sentou-se na calçada, ainda úmida de chuva, e descansou na pedra o
4. cachimbo.
5. Dois ou três passantes rodearam-no e indagaram se não se sentia bem. Dario abriu
6. a boca, moveu os lábios, não se ouviu resposta. O senhor gordo, de branco, sugeriu
7. que devia sofrer de ataque.
8. Ele reclinou-se mais um pouco, estendido agora na calçada, e o cachimbo tinha
9. apagado. O rapaz de bigode pediu aos outros que se afastassem e o deixassem
10. respirar. Abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram
11. os sapatos, Dario roncou feio e bolhas de espuma surgiram no canto da boca.
12. Cada pessoa que chegava erguia-se na ponta dos pés, embora não o pudesse ver.
13. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram
14. despertadas e de pijama acudiram à janela. O senhor gordo repetia que Dario
15. sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o
16. guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao seu lado.
17. A velhinha de cabeça grisalha gritou que ele estava morrendo. Um grupo o arrastou
18. para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protestou o motorista:
19. quem pagaria a corrida? Concordaram chamar a ambulância. Dario conduzido de

20. volta e recostado á parede – não tinha os sapatos nem o alfinete de pérola na
21. gravata.
22. Alguém informou da farmácia na outra rua. Não carregaram Dario além da esquina;
23. a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito pesado. Foi largado na
24. porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobriu o rosto, sem que fizesse um
25. gesto para espantá-las.
26. Ocupado o café próximo pelas pessoas que vieram apreciar o incidente e, agora,
27. comendo e bebendo, gozavam as delícias da noite. Dario ficou torto como o
28. deixaram, no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso.
29. Um terceiro sugeriu que lhe examinassem os papéis, retirados – com vários objetos
30. – de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficaram sabendo do nome,
31. idade, sinal de nascença. O endereço na carteira era de outra cidade.
32. Registrou-se correria de mais de duzentos curiosos que, a essa hora, ocupavam
33. toda a rua e as calçadas: era a polícia. O carro negro investiu a multidão. Várias
34. pessoas tropeçaram no corpo de Dario, que foi pisoteado dezessete vezes.
35. O guarda aproximou-se do cadáver e não pôde identificá-lo – os bolsos vazios.
36. Restava a aliança de ouro na mão esquerda, que ele próprio quando vivo – só podia
37. destacar umedecida com sabonete. Ficou decidido que o caso era com o rabeção.
38. A última boca repetiu – Ele morreu, ele morreu. A gente começou a se dispersar.
39. Dario levava duas horas para morrer, ninguém acreditou que estivesse no fim.

40. Agora, aos que podiam vê-lo, tinha todo o ar de um defunto.
41. Um senhor piedoso despiu o paletó de Dario para lhe sustentar a cabeça.
Cruzou as
42. suas mãos no peito. Não pôde fechar os olhos nem a boca, onde a espuma
tinha
43. desaparecido. Apenas um homem morto e a multidão se espalhou, as mesas
do
44. café ficaram vazias. Na janela alguns moradores com almofadas para
descansar os
45. cotovelos.
46. Um menino de cor e descalço veio com uma vela, que acendeu ao lado do
cadáver.
47. Parecia morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela
chuva.
48. Fecharam-se uma a uma as janelas e, três horas depois, lá estava Dario à
espera
49. do rabeção. A cabeça agora na pedra, sem o paletó, e o dedo sem a aliança.
A vela
50. tinha queimado até a metade e apagou-se às primeiras gotas da chuva, que
voltava
51. a cair.